

## SOBRE MULHERES E MATILHAS: UMA ANÁLISE DE “UM BURACO COM MEU NOME” DE JARID ARRAES

WOMEN AND PACK: *UM BURACO COM MEU NOME*, BY JARID ARRAES

Priscila Finger do Prado

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná, UFPR

[priscilletras@yahoo.com.br](mailto:priscilletras@yahoo.com.br)

Etimaira Pagnussatto Baifus

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Centro Oeste, UNICENTRO

[etimaria@hotmail.com](mailto:etimaria@hotmail.com)

140

**Resumo:** Neste artigo analisaremos a representação da mulher “selvagem” na obra *Um buraco com meu nome* de Jarid Arraes, a partir do referencial de de Clarissa Pinkola Estés, *Mulheres que correm com os lobos*, que nos traz o arquétipo da mulher selvagem. O artigo contará também com o arcabouço teórico da crítica feminista, tal como apresentada por Lúcia Osana Zolin, que nos mostra os estereótipos comuns na literatura escrita por homens e o poder do sistema patriarcal. Também será apresentado o conceito lugar de fala, tal como pensado por Djamila Ribeiro, que nos auxilia a pensarmos em novos diálogos e novas falas, que é como consideramos a representação proposta por Jarid no livro analisado.

**Palavras-chave:** Mulher Selvagem, *Um buraco com meu nome*, Jarid Arraes, crítica feminista.

**Abstract:** In this study, we'll analyze wild woman representation at *Um buraco com meu nome*, by Jarid Arraes. We'll use as theoretic reference the Clarissa Pinkola Estés' study, named *Women who run with the wolves*. This work will use too Lúcia Osana Zolin's study about feminist critic and Djamila Ribeiro's study about place of speech. In this way, we'll analyze how questions as stereotypes, feminism and Jung's psychoanalysis can help literary reading of the Arraes' poems.

**Keywords:** Wild woman, *Um buraco com meu nome*, Jarid Arraes, feminist critic.

### Considerações iniciais

Jarid Arraes é uma poeta contemporânea brasileira. A escritora nasceu no dia 12 de fevereiro de 1991 em Juazeiro do Norte na região do Cariri (CE). Além de poeta, é cordelista, tendo publicado os livros *As lendas de Dandara* (2016), *Heroínas Negras* (2017) e *Um buraco com meu nome* (2018). Arraes juntamente com Elizandra

### Building the way

Magon criaram o selo Ferina, através de um conselho editorial integrado por mulheres, tendo em sua maioria mulheres negras, o objetivo desse projeto é voltado para mulheres que não se encaixam em publicações consideradas apropriadas para os padrões já estabelecidos, com o intuito de que descubram e possam publicar suas obras. Em 2015, ela também criou o clube Escrita para mulheres, com o intuito de estimular a produção literária de escrita feminina, bem como discutir as dificuldades enfrentadas para essa produção. Esse projeto também discute a posição política a respeito do mercado editorial.

Arraes é aquela escritora que busca seu lugar no universo literário e que parece não se encontrar na produção escrita por homens, na qual costumam aparecer muitos estereótipos negativos que colocam a mulher como objeto. A mulher objeto, segundo a crítica feminista, “define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz” (ZOLIM 1999, p.183).

Assim, pode-se entender que os projetos que a poeta leva adiante na sociedade são uma extensão do projeto que tem para sua escrita: de romper paradigmas excludentes, de quebrar estereótipos e de dar voz à mulher, tratando as questões femininas com a devida profundidade. A mulher, nos poemas da poeta cearense, é representada como alguém dona de si, uma “fera” à procura de um lugar todo seu, que expõe problemas que a sociedade enfrenta e que mostra suas garras. Por conta disso, o objetivo principal deste trabalho é analisar como se constrói a representação da mulher “selvagem” na obra *Um buraco com meu nome* (2018), livro de poemas de Jarid Arraes.

Não é comum lermos obras em que haja a representação da mulher como fera, especialmente na pena de uma escritora negra. No entanto, é importante que se busque a leitura de obras assim, especialmente por parte de quem também procura seu lugar no mundo. O livro *Um buraco com meu nome* é composto por 71 poemas e contém ilustrações que foram desenhadas com carvão pela própria autora. Está dividido em quatro partes, sendo elas, “Selvageria”, “Fera”, “Corpo aberto” e “Caverna”. Os poemas tratam de temáticas de identidade racial, racismo, saúde mental, busca por um lugar no mundo, bem como da mulher selvagem como uma representação diversa para o feminino.

O objetivo principal deste trabalho é analisar como se constrói a representação da mulher “selvagem” na obra *Um buraco com meu nome*, tendo como base teórica a crítica feminista. Um dos papéis da crítica feminista é analisar os

### Building the way

estereótipos comuns na literatura escrita por homens, além de destacar a produção de mulheres, buscando estudar as representações e temáticas que aparecem nesta produção. Por isso, depois de apresentarmos a crítica feminista, trabalharemos o conceito de lugar de fala proposto por Djamila Ribeiro (2017) e a concepção de mulher selvagem, destacada por Clarissa Pinkola Estés (2014), para então analisarmos quatro poemas da autora que trabalhem a representação da mulher como selvagem.

142

### **1 Quais são esses estereótipos em uma literatura escrita por homens? Por que falar sobre eles?**

A escrita do homem e da mulher são diferentes. Ao longo de muitos anos, as mulheres foram privadas da escrita e da leitura, a consequência desta privação foi que se criou estereótipos que colocavam as mulheres em posição de inferioridade na sociedade. A área de estudos que visa ler o texto literário desconstruindo a caracterização de ideologias de gênero construídas por uma sociedade patriarcal é a crítica feminista, e será a partir de seu arcabouço teórico que realizaremos a análise aqui proposta.

Um dos grandes nomes da área é Lúcia Osana Zolin. Ela é professora, editora e coordena um grupo de pesquisa Literatura de autoria feminina brasileira (LAFEB), tendo publicado livros como o *Teoria literária: abordagens estéticas e tendências contemporâneas*, *Desconstruindo a opressão: a imagem da mulher em A república dos sonhos*, e *Deslocamentos da escritora brasileira*. Com amplo conhecimento sobre escrita feminina, Zolin (2005), em seus estudos de gênero e literatura, ressalta que a mulher se tornou objeto de estudo em várias áreas do conhecimento, assim foi na literatura e na Crítica feminista.

Em seu artigo denominado “A crítica feminista”, ela nos traz uma análise histórica da luta das mulheres para terem seus direitos, sendo um deles o de escrever. Para sua análise, ela lançou mão dos estudos de várias escritoras como Virgínia Woolf, Simone de Beauvoir, Kate Millet, entre outras. Ela busca nos mostrar a relação entre sexo e poder, a partir da qual os homens puderam ter todos os direitos, enquanto as mulheres foram privadas de ler e escrever, de modo que os únicos escritores que podiam falar sobre elas eram os homens, os quais as mostravam apenas na condição de inferioridade.

### Building the way

Virgínia Woolf, considerada uma das mais importantes precursoras da crítica feminista, ganha destaque no texto de Zolin, que apresenta um resumo de sua fala sobre “mulher e literatura”. Para Woolf, até o século XVII as mulheres apresentavam sua escrita marcada pela amargura, pelo ódio e pelo ressentimento em relação aos homens, que dominavam uma estrutura social que impossibilitava a liberdade na escrita para as mulheres. Virgínia Woolf destaca o papel das precursoras como aquelas que possibilitam o início de uma tradição de escrita feminina:

Sem aquelas precursoras, Jane Austen e as Brontes e George Eliot não teriam tido maior possibilidade de escrever do que teria Shakespeare ou Marlowe ou Marlowe sem Chaucer, ou Chaucer sem aqueles poetas esquecidos que preparavam o terreno e domaram a selvageria natural da língua. As obras-primas não são frutos isolados e solitários são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto, de um pensar através do corpo das pessoas, de modo que a experiência da massa está por trás da voz isolada (WOOLF, 1985, p.87 *apud* ZOLIN, 2005).

Com suas considerações, Woolf nos fala sobre prejuízos ocasionados ao se pensar em uma literatura de autoria feminina e em outra de autoria masculina, separadas por uma sociedade sexista e desigual.

Outro nome destacado por Zolin (2005) é o da filósofa Simone de Beauvoir. Em seu livro *O segundo sexo* (1949), Beauvoir vê os dois sexos divididos, sendo que a mulher aparece sempre como a escrava, como o outro, enquanto o homem sempre é visto como o senhor. Esta situação de opressão é justificada pela biologia, e pelo “destino de mulher”, de modo que a fraqueza lhe é estimulada, para que ela se torne escrava de suas escolhas, além de escolhas que lhe são negadas: “O acesso a elevados valores humanos, como heroísmo, a invenção e a criação lhe é vedado” (ZOLIN, 2005, p.188).

Zolin (2005) ainda ressalta o trabalho de Kate Millet como importante para a constituição da crítica feminista. Millet é escritora, artista, educadora e ativista feminista estadunidense e sua obra mais conhecida é o livro *Política Sexual* (1970), que discursa sobre a opressão da mulher pelo patriarcado. Para a autora, desde os primórdios, a criação de papéis sexuais é muito rigorosa. Juntamente com outras feministas, ela faz críticas não só aos homens mas também às mulheres, sobre o que culturalmente é dado como papel feminino, de modo que é necessário que o oprimido se manifeste e repense a sua natureza. Millet (1970) nos fala sobre a “política sexual”:

Essa política de força, segundo a teórica, afeta a literatura na medida em que os valores literários têm sido moldados pelo homem. Ela pondera que, nas narrativas de autoria masculina, as convenções dão forma às aventuras e moldam as conquistas românticas segundo um direcionamento masculino. Além disso, são construídas como seus leitores fossem sempre homens, ou de modo a controlar a leitora para que ela leia, inconscientemente como um homem (ZOLIN, 2005, p.190)

Com isso, percebe-se que a crítica feminista “visa fazer análise dos estereótipos femininos na literatura canônica, analisar o sexismo subjacente à crítica literária tradicional e analisar a pouca representatividade da mulher na história literária” (ZOLIN, 2005, p.192). Os estereótipos encontrados na literatura tradicional que foram conotados como negativos são os que colocam mulher como sedutora, perigosa, megera, mulher anjo/ou indefesa. No olhar do homem sobre as mulheres, estas são caracterizadas como seres incompletos, o que contribuiu para o atraso no alcance por direitos igualitários.

<b>Estereótipos femininos</b>	<b>Exemplos na literatura</b>	<b>Conotação</b>
Mulher sedutora e/ ou perigosa e/ ou imoral	Lúcia (Lucíola, de José de Alencar); Capitu (Dom Casmurro, de Machado de Assis); Ema (Madame Bovary, de Gustavo Flaubert); Luísa (O primo Basílio, de Eça de Queiroz)	Negativa
Mulher como megera	Juliana (O primo Basílio, de Eça de Queiroz)	Negativa
Mulher anjo e/ ou indefesa e/ ou incapaz e/ ou impotente	Teresa (Amor de perdição, de Camilo Castelo Branco).	Positiva

Tabela “O modo tradicional de representação da mulher na literatura” (ZOLIN, 2005, p.190)

Ao falar sobre esses estereótipos, é possível notar nos novos espaços alcançados pela mulher no tocante à literatura. Quanto mais mulheres que escrevem, mais pensamentos e representações diversos são construídos, como o caso da escrita de Arraes (2018), em que aparece a representação da mulher Selvagem, diferente e única.

Apesar da conquista pela escrita, ainda hoje discutimos o espaço da mulher nesse mundo literário, o que caracteriza o conceito de “lugar de fala”, tal como

### Building the way

pensado por Djamila Ribeiro, em seu livro *O que é lugar de fala* (2017). Tal livro torna-se relevante a fim de justificar a importância de se ler e divulgar a escrita de autoras negras, já que, ao apresentar a possibilidade de escrita por parte daquelas que não tiveram “lugar de fala” durante tantos anos, são possíveis outros olhares sobre a representação do mundo tal como o conhecemos. O livro de Ribeiro (2017) está dividido em quatro partes, a primeira e a segunda parte tratam sobre o feminismo negro, e a terceira e quarta parte aprofundam o conceito de lugar de fala.

O conceito de lugar de fala, segundo Djamila Ribeiro (2017), tem a ver com o posicionamento de determinada pessoa frente a determinado assunto, que depende de sua posição de fala, do falar do lugar que pertence. Todas as pessoas têm o seu lugar de fala, a partir do qual podem discorrer de forma crítica pelos grupos sobre assuntos como racismo, raça, gênero, identidade, entre outros. É preciso falar para desnaturalizar certos conceitos criados pelo colonialismo, dados como certos, para, assim, podermos contribuir para uma sociedade menos desigual.

Ter um lugar de fala não é falar sobre vivências pessoais. e sim sobre um conjunto de pessoas. Quando se fala, é preciso que se contribua para a devolução de uma humanidade negada para mulheres e negros, pois o discurso do homem branco se entendia como universal. A escritora Ribeiro (2017) nos faz pensar no processo de resistência, sobre esses processos de identidade criados pelo colonialismo. Com isso, podemos nos questionar sobre o que nos é permitido falar e com o que estamos acostumados.

Sobre a situação da mulher, Ribeiro (2017) cita os estudos de Simone de Beauvoir:

Segundo o diagnóstico de Beauvoir, a relação que os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má fé 15 dos homens que as veem e as querem como um objeto. A intelectual francesa mostra, em seu percurso filosófico é em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem (RIBEIRO, 2017, p.22).

No capítulo denominado “ O que é lugar de fala”, a autora nos explica a importância de ouvir os grupos sociais excluídos, e que a luta por direitos deve vir de um conjunto de pessoas, com isso teremos uma construção de saberes.

Explicitar a questão dos estereótipos, segundo a crítica feminista, é questionar o direito à fala por parte dos grupos minoritários, como os negros e as

### Building the way

mulheres, o que contribui para encontrarmos novas maneiras de ver e sentir o mundo. Uma das formas de ver o mundo que é atualizada a partir de leitura feminista é a da mulher selvagem, isso porque o estereótipo de mulher, segundo a tradição branca e patriarcal, é da mulher sedutora/ perigosa/imoral, megera ou anjo/indefesa (ZOLIN, 2005 p.190).

Assim, depois de pensarmos a constituição da crítica feminista e sua relação com o conceito de lugar de fala, passaremos para a descrição do que seja a mulher selvagem e, para tal, utilizaremos como arcabouço teórico a leitura de Clarissa Pinkola Estés, com o livro *Mulheres que correm com os lobos* (2014).

146

## **2 Mas o que é essa mulher selvagem?**

Clarissa Pinkola Estés é uma psicanalista junguiana, contadora de histórias e poeta americana, com profunda análise psicológica, que resgata a natureza feminina feroz, sendo considerada uma guardiã das velhas histórias na tradição latina.

O livro de Estés *Mulheres que correm com os lobos* (2014) é um best-seller diferenciado, que ficou durante um ano na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos e que apresenta a tese de como a natureza da mulher foi sendo domesticada ao longo dos anos.

Para escrever esse livro, a autora se baseou em seus estudos sobre a biologia de animais selvagens, especificamente os lobos. Fazendo uso da Psicanálise, de contos que envolvem bruxas, mocinhas, criaturas surreais, a escritora envolve suas leitoras tecendo relações entre a experiência vividas nessas histórias e a vida real e no cotidiano:

A Mulher Selvagem como arquétipo é uma força inevitável e inefável que traz para a humanidade um abundante repertório de ideias, imagens e particularidades. O arquétipo existe por toda parte e, no entanto, não é visível no sentido comum da palavra. O que pode ser visto dele no escuro não é visível a luz do dia (ESTÉS, 2014, p.44).

Ao comparar o lobo e a mulher, a autora nos explica sobre a reputação equivocada de mulheres. Os lobos ficaram na história dos contos de fadas como ferozes que assustavam as meninas indefesas, mas será que essa representação não é limitante? E o que tem haver lobos com mulheres? Sobre isso, a analista e caçadora Clarissa Pinkola Éstes destaca:

Os lobos saudáveis e as mulheres saudáveis têm certas características psíquicas em comum: percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. Os lobos e as mulheres são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Tem experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Têm uma determinação feroz e extrema coragem (ESTÉS, 2014, p.16).

Nesse contexto, podemos perceber que elementos como percepção aguçada, resistência, curiosidade, força, parceria, coragem e ferocidade, os quais aproximam lobos e mulheres, podem ser encontrados nos poemas que vamos analisar de Jarid Arraes (2018).

Estés (2014) ainda destaca que muito foi escrito sobre a humanidade, mas que as fraquezas e defeitos das mulheres sempre ganharam ênfase, de modo que esses fatores culturais decaíram a fortaleza feminina:

Creio que todos os homens e mulheres nascem com talentos. No entanto, a verdade é que houve pouca descrição dos hábitos e das vidas psicológicas de mulheres talentosas, criativas, brilhantes. Muito foi escrito, porém, a respeito das fraquezas e defeitos dos seres humanos em geral e das mulheres em particular. (ESTÉS, 2014, p.23).

Diante de tantas descrições e representações negativas construídas ao longo da história, o arquétipo da mulher selvagem nos traz outra possibilidade de ver a mulher, destacando o que é instintivo, natural, de modo a repensar a mulher como ser livre, o que possibilita refletir o que em nós está morto, está só o osso. E o interessante da noção de arquétipo é a sua perenidade:

Essa mulher não domesticada é o protótipo de mulher, não importa a cultura, a época, a política, ela é sempre a mesma. Seus ciclos mudam, suas representações simbólicas mudam, mas na sua essência *ela* não muda. Ela é o que é; e é um ser inteiro (ESTÉS, 2014 p.23).

Ao dizer que as representações simbólicas podem mudar, mas que a essência não muda, Estés evoca o sentido de “arquétipo”, que segundo o Dicionário Melhoramentos (1992), significa “Modelos de seres criados, Modelo, padrão, exemplo” (p.41). O conceito de arquétipo é bastante usado em psicanálise na busca de entender



### Building the way

a psique humana. O arquétipo da mulher selvagem, como dissemos, pode funcionar como uma chave de leitura para o livro de Arraes (2018), como já demonstra o título do livro, *Um buraco com meu nome*, bem como suas quatro partes, denominadas “Selvageria” “Fera” “Corpo Aberto” e “Caverna”. Assim, buscaremos demonstrar, com a análise dos poemas de Arraes, como se dá essa representação.

### **3 Um buraco com meu nome: selvageria x domesticação**

A domesticação da mulher se deu ao longo de muitos anos, conforme pudemos ver com a leitura de Estés. Para isso, contribuiu a educação feminina, que costumou (e costuma) ser diferenciada, de modo que a mulher deve enquadrar-se num padrão estabelecido por uma sociedade falha, de um mundo dominado pelos homens (a sociedade patriarcal). Por conta disso, cada tentativa de sair dessa domesticação e falar sobre temas que incomodam se faz necessária. E esta é uma boa razão para lermos Arraes, segundo a qual “palavras são garras”.

Dividido em quatro partes, *Um buraco com meu nome* trata de temáticas distintas, mas todas aproximáveis pela busca de questionamento dos papéis femininos na sociedade patriarcal. A primeira parte, denominada “selvageria”, tem 19 poemas, dos quais escolhemos “Uma mulher pergunta”; a segunda, parte denominada “fera”, possui 13 poemas, sendo que escolhemos o poema “IX”; a terceira parte, chamada “corpo aberto”, tem 28 poemas, dos quais selecionamos o poema “Temporã”; e, na quarta e última parte, denominada “caverna”, há 11 poemas, dos quais escolhemos o poema “Chama”.

O livro *Um buraco com meu nome* (2018) é a obra de estreia na poesia de Arraes, nele a autora se baseou em sua infância no Cariri, onde vivenciou muita intransigência e machismo, o que também ajudou a despertar para a vida literária foi o exemplo do seu pai e avô, que eram cordelistas. Arraes sentia muito a ausência de escrita de autoria feminina, com isso deu início aos seus livros. Também em busca dessa representatividade feminina, criou o selo Ferina, o qual foi inaugurado por seu livro de poesia.

O poema “Uma mulher pergunta”, da primeira parte do livro, mostra a situação de opressão, de desânimo e questionamento da mulher. Esta mulher se dá conta de que o poder está nas mãos dos homens, como sempre esteve. Como

### Building the way

demonstra no título, a pergunta que a mulher faz representa a tomada de consciência ao questionar este aspecto de sociedade.

#### Uma mulher pergunta

1. há tardes e pequenos espaços
2. de tempo
3. em que uma mulher pergunta
4. de que adianta
5. se as mãos dos homens
6. dirigem o metrô e os ônibus
7. os carros blindados
8. as motos que serpenteiam
9. entre corredores breves
10. se as mão
11. dos homens
12. assinam os papéis e carimbam
13. autorizam o prontuário
14. a entrada e saída do corpo
15. o reconhecimento dos órgãos
16. doados
17. se as mãos dos homens
18. orquestram as violências
19. balas esporros olhares
20. e tocam seus instrumentos
21. fálicos curtos enrugados
22. colocados para o lado
23. se os homens e suas
24. mãos
25. discam números
26. estabelecem os valores
27. fazem lista de nomes
28. de outros homens
29. e se as mãos dos
30. homens
31. alcançam todas as coisas
32. que quebram ou selam
33. acordos
34. e apertam botões
35. que começam guerras
36. internas
37. por muitas e muitas
38. gerações
39. há um dia em que a mulher
40. pergunta a si mesma
41. pergunta para outra
42. mulher
43. e as perguntas pairam
44. flutuam
45. sobre a cabeça
46. as perguntas incomodam
47. e vazam como excremento
48. de aves de árvores do céu
49. nesse dia a mulher procura
50. a resposta
51. por que de que adianta
52. se há mãos que fazem dançar
53. as cordas
54. e os pequenos membros
55. do corpo vivem em sacolejo
56. e o ventre morre em liminares
57. gestações que formam mãos
58. de homens
59. e a partir do ventre
60. as mãos nutridas pela mulher
61. saem na direção do mundo
62. de tudo que é externo
63. de tudo que é global
64. antropológico
65. fágico
66. e social
67. e a mulher nesse dia pergunta
68. para outra mulher
69. para o espelho
70. de que isso tudo
71. adianta

Podemos perceber a repetição da palavra “pergunta” em várias estrofes do poema. O verbo perguntar significa questionamento e está presente nos versos 1,2,40,41,42,44 e 47. Ou seja, há uma situação, por muitos consideradas normal, que é destacada pelo questionamento do eu lírico. Essa situação representa o patriarcado, que é um sistema social em que os homens mantêm o poder primário, no domínio familiar e político. Segundo o dicionário Melhoramentos (1992), “patriarcado” é “1.

### Building the way

Dignidade ou jurisdição de patriarca, 2. Exercício das funções de patriarca, 3. Dioceses dirigidas por um patriarca”. O Patriarcado é questionado pela crítica feminista, principalmente por Kate Millet, em 1970, para a qual “ os papéis femininos tornam-se repressivos; a necessidade de representa-los, que se impõe no âmbito dominância de homens e subordinação de mulheres, é o que Millet chama de “política sexual” (ZOLIN,2005, p.190). Tal questionamento é evidente neste poema pela expressão “de que adianta”, que ressalta o poder nas mãos dos homens, e a manutenção de tal poder que continua.

Esse questionamento destaca a tomada de consciência que aparece no título, “Uma mulher pergunta”, e que é ressaltada nos versos 41,42,43. O questionamento pode ser relacionado ao conceito de lugar de fala, de Djamila Ribeiro. Quando a mulher fala, ela fala do lugar em que está, possibilitando o questionamento da ordem vigente. A tomada de consciência do eu lírico em um mundo dominado pelo poder e voz masculina só aparece porque esse eu lírico pode tomar a palavra para si, conquistando, assim, o seu lugar de fala, como se percebe nos versos 10,11,29,30,31, em que temos os exemplos dessa inquietação “se as mãos” “dos homens” “assinam os papéis e carimbam” “e se a mão dos” “homens” “alcançam todas as coisas”. Ou seja, ao tomar para si seu lugar de fala, o eu lírico percebe o caráter de exceção desta apropriação. A palavra “se” repetidas diversas vezes dá ideia de condição, como no verso 17 “se as mãos dos homens”, que nos mostra que o poder de decisão está na mão desses. A palavra “se” aparece 6 vezes, nas estrofes 5,10,17,23,29 e 52, de modo a ressaltar essa ideia de condição, que destaca tanto sua tomada do discurso, quanto sua percepção do caráter de exceção dessa tomada.

O poema chamado “IX” é um dos principais da segunda parte. Seu tema retoma o título do livro no último verso. Nele podemos notar a representação da mulher selvagem, essa mulher negra que quer ocupar seu lugar, depois de perceber que muitos espaços não lhe são possíveis.

XI

- |                      |                       |
|----------------------|-----------------------|
| 1. Estou em busca    | 9. um teto            |
| 2. de uma            | 10. que não caia      |
| 3. toca              | 11. estou em busca    |
| 4. para pisar        | 12. de uma            |
| 5. com minhas        | 13. casa              |
| 6. patas             | 14. que aceite pulgas |
| 7. um chão           | 15. piolhos           |
| 8. que não me afunde | 16. traças            |
|                      | 17. procuro uma       |

**Building the way**

- |                     |                    |
|---------------------|--------------------|
| 18. toca            | 32. durmam         |
| 19. que abafe meus  | 33. uma toca       |
| 20. uivos           | 34. de paredes     |
| 21. que segrede     | 35. grossas        |
| 22. meu             | 36. um abrigo      |
| 23. choro           | 37. que cesse      |
| 24. e esconda       | 38. a fome         |
| 25. minha mandíbula | 39. estou em busca |
| 26. estou em busca  | 40. de uma         |
| 27. de uma          | 41. toca           |
| 28. toca            | 42. um buraco      |
| 29. onde as fezes   | 43. com meu        |
| 30. descansem       | 44. nome           |
| 31. onde os vômitos |                    |

Ao relacionarmos com o título da parte de que faz parte, “fera”, verificamos que o campo semântico construído no poema retoma o lugar da mulher como selvagem. O tema do poema aparece como busca, caminho, o que corrobora o pensamento de Éstes (2014), segundo a qual a mulher instintivamente procura seu lugar, seu lado selvagem, mesmo que em situações adversas.

O eu lírico mostra um lado animalizado, como podemos observar nos versos 3,6,14,15,16,20,25,28,33,42, em que são destacadas características animais como “toca”, “pata”, “pulgas”, “uivos” e “buraco”. Já nos versos 27 a 32, a civilidade é escondida, como se pode perceber nos exemplos: “estou em busca” “de uma toca” “onde as fezes” “descansem” “onde os vômitos” “durmam”.

A procura de “um buraco com seu nome” destaca a busca por pertencimento da parte desse eu lírico, possivelmente pela falta de encaixe em uma sociedade já modelada em parâmetros onde o diferente não se encaixa. Tendo em vista os estereótipos construídos ao longo dos anos para a representação da mulher, como “Anjo”, “Sedutora” ou “Megera” (ZOLIN, 2005, p.190), é esperado que a mulher se comporte conforme esses estereótipos. Daí que, quando outra representação é destacada, neste caso, unindo a ideia de Mulher à de selvageria, outros sentidos são destacados:

Quando as mulheres ouvem essas palavras, uma lembrança muito antiga é acionada, voltando a ter vida. Trata-se da lembrança do nosso parentesco absoluto, inegável e irrevogável com o feminino selvagem, um relacionamento que pode ter se tornado espectral pela negligência, que pode ter sido soterrado pelo excesso de domesticação, proscrito pela cultura que nos cerca ou simplesmente não ser mais compreendido. Podemos ter-nos esquecido do seu nome, podemos

### Building the way

não atender quando ela chama o nosso; mas na nossa medula nós a conhecemos e sentimos sua falta [...] (ESTÉS, 2014 p.19).

Estés, em seu livro (2014), faz uso de características animais, ao destacar o fato de que as mulheres que eram domadas viviam presas em suas boas maneiras. Ao contrário das mulheres “certas” (as domesticadas), havia também as que saíam dessa prisão, as quais eram consideradas as “erradas”, ela se coloca no lugar dessas:

152

Por isso, igual a muitas mulheres antes e depois de mim, passei minha vida como criatura disfarçada, à semelhança de parentela que me procedeu, andei cambaleante em saltos altos e fui à igreja usando vestido e chapéu. No entanto, minha cauda fabulosa muitas vezes aparecia por baixo da bainha do vestido, e minhas orelhas se contorciam até meu chapéu sair do lugar, no mínimo cobrindo meus olhos e às vezes indo parar do outro lado da nave (ESTÉS, 2014, p.18).

Podemos perceber que, tanto no poema como no livro, as características animais são usadas para conseguir demonstrar uma mulher que não aceita a domesticação e busca seu espaço: “um buraco com seu nome”, tal como representa o título do livro retirado do poema “IX”. Ao destacar características de animalidade, como “toca”, “patas”, “pulgas”, “traças” e “uivos”, Arraes questiona os estereótipos advindos da domesticação da mulher, de modo que o lugar de fala novamente possibilita discursos antes silenciados.

O poema “Temporã”, da terceira parte, traz a passagem de uma criança à fase adulta, que cresce entre amarguras e perguntas.

#### TEMPORÃ

- |                           |                             |
|---------------------------|-----------------------------|
| 1. Nasci prematura        | 14. fui crescendo com raiva |
| 2. de peso e tamanho      | 15. em rasuras              |
| 3. fui enchendo o corpo   | 16. e pele toda marcada     |
| 4. aos poucos             | 17. por tinta preta         |
| 5. com tapas              | 18. por unhas               |
| 6. e cintos com fivelas   | 19. nasci já madura         |
| 7. nas canelas            | 20. de mente                |
| 8. depois a mão por baixo | 21. querendo entender       |
| 9. de calcinha            | 22. os motivos              |
| 10. depois a mão por cima | 23. os meus                 |
| 11. da boca               | 24. especialmente           |
| 12. nasci mirrada         | 25. depois fui enchendo     |
| 13. miúda                 | 26. de respostas difíceis   |

### Building the way

A palavra “temporã”, segundo o dicionário, significa: “Que vem ou sucede antes do tempo apropriado” (1992, p. 503). O uso do vocábulo no poema retoma um processo de crescimento adiantado de um corpo que cresce sobre abuso de autoridade, recebendo tapas, apanhando de cintos e fivelas, e sofrendo a pior das violências, a sexual. Com isso, o eu lírico foi se criando com raiva, até que, quando crescida, tomou consciência e tentou entender os motivos pelos quais isso tudo ocorreu.

153

Como sabemos, no contexto cultural, o Patriarcado é um sistema que domina as mulheres e crianças, para garantir o poder dos homens. No poema, podemos perceber que essa menina, quando criança, era submissa a uma pessoa que a violentava, sendo constituída como objeto. A construção do ser feminino como objeto é um dos aspectos do patriarcado, em que só tem direito de ser sujeito o que detém o poder, no caso, o homem. Se quando criança, o eu lírico não foi capaz de perceber essa estrutura opressiva, com a idade adulta vem a tomada de consciência, que possibilita que ela perceba o que estava errado. Os questionamentos que começam são característicos de uma postura contra-cultural, ou seja, que questiona a cultura dominante. Segundo a crítica feminista, numa sociedade patriarcal:

A mulher objeto se define pela submissão, pela resignação e pela falta de voz. As oposições binárias subversão/aceitação, inconformismo/resignação, atividade/passividade, transcendência/imanência, entre outras, referem-se respectivamente, a essas designações e as complementam. (ZOLIN, 2005, p.183).

A crítica feminista destaca a submissão como papel requerido para a mulher numa sociedade patriarcal, o que, segundo Estés (2014), teria a ver com seu processo de “domesticação”. A partir de amplo estudo da psique feminina e do instintivo natural, é possível tecer relações entre a abordagem da psicanalista e o poema, de modo que o eu lírico é caracterizado como a presa prematura de um predador.

Todas as criaturas precisam aprender que existem predadores. Sem esse conhecimento, a mulher será incapaz de se movimentar com segurança dentro de sua própria floresta sem ser devorada. Compreender o predador significa tornar-se um animal maduro pouco vulnerável à ingenuidade, inexperiência ou insensatez. (ESTÉS, 2014 p.60).

### Building the way

Por não ser capaz de entender a violência sofrida, que tem a ver com a própria organização social, o eu lírico vai “crescendo com raiva”: “Do ponto de vista psicológico, as meninas e os meninos são como dormentes para o fato de que eles próprios possam ser presas. Embora às vezes pareça que a vida seria mais fácil e menos dolorida se todos os seres humanos nascessem totalmente em estado de alerta, isso não acontece” (ESTÉS, 2014, p.61). Este estado de alerta pode aparecer somente depois de sofrer a ação de ser presa de alguém. Para Estés(2014), para que alguém se torne uma pessoa inteira, é preciso realizar uma busca de si, mesmo que tal busca seja preenchida de “respostas difíceis”, como no poema. O eu lírico, quando destaca ter nascido madura de mente revela, na verdade, uma aceleração do processo de crescimento pela dor, já que o amadurecimento vem com o tempo: “Nós todos nascemos *Anlage*, como o potencial no núcleo de uma célula: em biologia, a *Anlage* é a parte da célula caracterizada como “aquilo que se tornará”. Dentro da *Anlage* está a substância fundamental que, com o tempo, irá se desenvolver fazendo com que nos tornemos uma pessoa inteira” (ESTÉS, 2014, p.61).

Da análise do poema também podemos perceber que o eu lírico não teve alguém que a protegesse de todo o mal que passou, de modo que precisou se tornar sua própria protetora. Em *Mulheres que correm com os lobos*, temos a descrição de como a mãe loba protege e orienta seus filhotes:

[...] A mãe rosna para eles, investe contra eles e apavora os filhotes até que eles voltem atabalhoadamente para dentro da toca. A mãe sabe que os filhos ainda não têm condições de pesar e avaliar outras criaturas. Eles não sabem quem é um predador e quem não é. Com o tempo, ela irá ensina-los como rigidez e eficácia. (ESTÉS, 2014, p.63).

Assim como essa mãe loba ensina aos seus filhotes que nem tudo no mundo interior e exterior é adequado, muitas pessoas não tem esse conhecimento básico de perigo:

Muitas mulheres não chegam a receber os ensinamentos básicos a respeito dos predadores que a mãe loba dá aos seus filhotes como, por exemplo, se for ameaçador e maior que você, fuja; se for mais fraco, pense no que quer fazer; se estiver doente, deixe-o em paz; se tiver espinhos, veneno, presas ou garras aguçadas, recue e vá na direção oposta; se tiver um cheiro bom, mas estiver cercado de garras de ferro, passe direto (ESTÉS, 2014, p.63).

### Building the way

Com a citação podemos perceber que a falta de cuidado de uma figura materna para com o eu lírico, permitindo que ela fosse presa de um predador não identificado, mas que a tirou de seu crescimento natural, obrigando-a nascer madura, e que aparece nos versos 14 e 15 “fui crescendo com raiva” “em rasuras” . Essa raiva dela pode se manter a vida toda, conforme aponta Estés:

155

A raiva residual de antigas feridas podem ser comparadas aos efeitos traumáticos de um ferimento por estilhaços. A pessoa pode conseguir catar praticamente todos os pedaços de metal estilhaçados do míssil, mas os caquinhos menores permanecem. Seria de se pensar que, se a maioria foi retirada tudo bem. Mas não é assim. Em certas ocasiões, esses caquinhos minúsculos se torcem e retorcem, causando uma dor semelhante à do ferimento original (o fervor da raiva) mais uma vez (ESTÉS,2014 p.405).

Considerando a leitura de *Mulheres que correm com os lobos*, vemos que é possível buscar cura para feridas e para a raiva, ser uma mulher selvagem é considerado muitas vezes uma questão de necessidade, porém o eu lírico já havia nascido em uma sociedade patriarcal, o que a transformou em um “animal domesticado”( ESTÉS, 2014).

Nenhum de nós pode fugir inteiramente da nossa história. Sem dúvida, podemos mantê-la num segundo plano, mas ela está ali do mesmo jeito. No entanto, se você quiser agir em seu próprio benefício, você superará a raiva e acabará se acalmando e se sentindo bem. Não perfeita mas bem. Você será capaz de seguir em frente. Ficaré para trás o tempo da raiva em estilhaços[...] A mulher lembra-se de que pode ser feroz e generosa ao mesmo tempo (ESTÉS, 2014, p.406).

O poema “Chama” da quarta parte, fala de uma mulher que sofre por fatos que aconteceram. Essa mulher tenta lutar, se reerguer. O vocábulo que dá título ao poema “Chama” significa emissão de luz vinda de algum fogo, sua parte gasosa visível.

#### Chama

1. li que resiliência
2. é a qualidade de alguns corpos
3. possuem
4. de retomar à forma
5. original
6. após terem submetidos
7. a uma deformação elástica
8. e talvez o equívoco seja
9. você argumentar
10. que alguns é quantidade
11. indefinida
12. posto que alguns
13. podem ser raros
14. e que certas deformações



**Building the way**

15. você pode insistir
16. não são esticáveis
17. mas estilhaços
18. minúsculos cacoc
19. com as cores
20. descaracterizadas
21. tornadas poeira cortante
22. quando se pisa descalça
23. mas sei
24. por prova viva
25. meu bem
26. que a qualidade de se expandir
27. retrain
28. crescer e encolher
29. ser grande num segundo
30. e em seguida desaparecer
31. é dom das criaturas
32. que sofrem
33. sei que elas possuem forma
34. um contorno belo
35. único
36. que espera o momento
37. do lar
38. o instante em que os braços
39. se abrem
40. então
41. o coração desiste
42. de arritmia
43. os pulmões descolam
44. como se novo parto
45. como se o novo berro
46. agora com olhos melhores
47. e talvez você teime
48. que as deformações
49. o peso
50. os chicotes
51. as carroças puxadas
52. que os calabouços
53. o chão de pedra irregulares
54. e as palavras disparadas
55. contra as tēmporas
56. tudo isso seja o fim da linha
57. que a pele das criaturas
58. flácidas
59. jamais voltaria ao desenho
60. ao sentimento original
61. e de fato
62. meu bemnada pode ser sentido
63. duas vezes
64. posto que cada grito
65. ou paixão
66. cada par de braços
67. quentes
68. envolvendo em conforto
69. cada corte de papel
70. nos dedos
71. é primeiro e último
72. porém
73. as criaturas do acaso
74. as que sofrem
75. também aleatoriamente
76. se regeneram
77. e a força da física
78. as leis explicadas
79. pelos compilados
80. elas nos forçam
81. à cura
82. então não posso afirmar
83. que a resiliência
84. é a qualidade apresentada
85. por todos
86. por você ou por mim
87. mas tenho essa única
88. fé
89. de que escrevo por ela
90. de que sou lida por ela
91. e que por ela
92. você abre agora
93. os braços
94. também sentindo
95. minha chama

No poema Chama, o eu lírico fala sobre resiliência. Nos versos de 1 a 7 nos explica o que é: “li que resiliência é a qualidade de alguns corpos possuem de retomar à forma original após terem submetidos a uma deformação elástica”. No decorrer da leitura, percebemos que essa resiliência, característica normalmente vista como positiva, é denotada como algo negativo, visto que, para que algo ou alguém aprenda a ser resiliente, é necessário que alguma violência seja aplicada sobre esse algo ou alguém. No caso do eu lírico do poema, percebemos que foi obrigada a resistir. Nos versos 23 a 32, percebemos que esse dom de resistir é de pessoas que sofrem,

### Building the way

tal como o eu lírico: “mas sei por prova viva meu bem que a qualidade de se expandir retrair crescer e encolher ser grande num segundo e em seguida desaparecer é dom das criaturas que sofrem”.

Ao retomarmos a concepção de lugar de fala, dada por Ribeiro (2017), podemos perceber que a resiliência das mulheres não foi o bastante para garantir-lhes espaço ou mesmo para acabar com a opressão vivida. É preciso ser “chama” e queimar, a fim de que se tornem mais visíveis. Para que se haja chama, é necessário fazer a queima do que não permite a liberdade de ser mulher. Da chama depende a construção da mulher livre, destemida, que viria da retomada do arquétipo da mulher “selvagem”. Percebemos, pela leitura do poema, que essa mulher tem seu sofrimento causado por um sistema que a alterou como ser, este sistema é o patriarcado, para o qual a dominação das mulheres é requisito para a manutenção do poder dos homens. Ao sofrer violência (seja física, seja simbólica) e se manter resiliente, não se consegue alterar o contexto que possibilita a violência. Seria preciso não ver a resiliência como fator positivo, a fim de lutar por outra condição. A resiliência possibilitou estereótipos e silenciamentos que são questionados por estudiosas como Lúcia Zolin e Djamila Ribeiro, para quem que a luta por direitos deve vir de um conjunto de pessoas, a fim de encontrarmos novas maneiras de ver e sentir o mundo.

Segundo Estés, “O fogo é o principal símbolo da reavaliação na psique”(ESTÉS 2014,p.369), então o eu lírico re-verifica seu lugar no mundo, sua postura resiliente, a fim de que, ciente da opressão vivida, possa buscar formas de lutar contra ela: “de que escrevo por ela” “de que sou lida por ela”. A qualidade da resiliência possibilita que o interlocutor para quem o eu lírico se apresenta sinta sua chama e talvez se contamine dela: “e que por ela” “você abre agora” “os braços” “também sentindo” “minha chama” vistos, tal como visto nos versos 90,91,92,93,94,9 e 96 do poema. A chama em que se verifica a psique do eu lírico pode servir como modelo para quem acompanha seu queimar, pois é só a partir da reivindicação do grupo que a situação da opressão pode vir a ser questionada e mudada.

Assim percebemos que, nos quatro poemas analisados, destaca-se uma postura de questionamento de estereótipos, de busca por lugar de fala, em que se destaca a representação da mulher como ser selvagem, mesmo que a sociedade trabalhe para sua domesticação. Assim, podemos destacar que, tal como prevê a crítica feminista, quando uma mulher escreve, ela cria outras representações para o ser feminino e, de forma mais específica, trazendo a reflexão de Ribeiro (2017),

### Building the way

quando a mulher negra escreve, temos acesso a outras representações. No caso da poesia de Jarid Arraes, ela apresenta a tomada de consciência da mulher perante a opressão da sociedade patriarcal e erige a mulher selvagem como representação possível para essa mulher que contesta e que se quer ouvida.

### Considerações finais

158

Neste trabalho buscamos analisar a representação da mulher selvagem em quatro poemas do livro *Um buraco com meu nome* (2018), de Jarid Arraes. A escritora é uma poeta contemporânea do Ceará que representa a mulher fora de estereótipos corriqueiros como o da mulher anjo ou da mulher pecadora. Para a análise, trouxemos como arcabouço teórico a crítica feminista de Lúcia Osana Zolin, o estudo de Djamila Ribeiro sobre lugar de fala e o trabalho de Clarissa Pinkola Estés sobre o arquétipo da mulher selvagem. As leituras teóricas possibilitam que pensemos no silenciamento das mulheres, especialmente as negras, de modo que, quando elas têm acesso à escrita, podem oferecer um outro lugar de fala, construindo novas representações.

Para a análise, escolhemos quatro poemas: “uma mulher pergunta”, “IX”, “temporã” e “chama”. Analisamos o primeiro poema chamado “Uma mulher pergunta” e nele encontramos a tomada de consciência de uma mulher que se questiona. Arraes (2018) nos lembra que “as palavras são garras” e que, portanto, é necessário falar, se questionar. Ao analisarmos o segundo poema “IX”, verificamos a representação da mulher fera, que busca um buraco com seu nome. No terceiro poema, “temporã”, encontramos uma menina domesticada que sofreu por se calar, encheu-se de raiva e de perguntas difíceis. E no quarto e último poema, “Chama”, encontramos um eu lírico em processo de resiliência, mas que não se quer mais deixar sofrer as violências que proporcionam seu ser resiliente.

A partir das leituras teóricas e da análise, pudemos verificar que o livro de Jarid Arraes apresenta outra representação da mulher, o que colabora com a ideia de que, quando temos um lugar de fala diferente, podemos erigir uma representação que também seja diferente e que, neste caso, é a da mulher selvagem.

### REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. *Um buraco com meu nome*. São Paulo: Ferina, 2018.

**Building the way**

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In BONNICI, THIMAS & ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ª edição. Maringá: EDUEM, 2005.